

JOÃO RUI DE SOUSA

Entrevistado por Maria Augusta Silva

OUTUBRO 2004

Mesmo que alguns estejam a ir por um caminho de indiferença, acabarão por abrir os olhos. Até pela contingência da evolução das coisas e pelos pontapés que podem vir a sofrer devido à sua *distração*. Eu que sou muitas vezes desencantado, sou por outro lado um ser de esperança. Uma nova utopia há-de aparecer. É a minha convicção profunda. (...) A presença do contraditório, a luta em nós de alguns opostos é sempre, ou pode ser, estimulante afirmação de complexidade, de riqueza interior.

A caminho de sua casa pensei numa teoria de Aristóteles: “O poema é um animal”. Que lhe parece?

Estou de acordo. O poema é um ser vivo, diria que tem vida quase própria, suscetível de ser riscado, alterado, acrescentado, sem perder autonomia.

Apesar de uma aparente simplicidade, tem uma poética que revela mestria. Trabalhar a poesia passa muito pelas expressões plástica e musical?

Sim, pelo ritmar e pelo esculpir. O poema, além de ser o tal animal, também é uma escultura e uma estrutura de ritmos. Só escrevo poesia num estado de espírito particular, que talvez possa chamar-se momento de iluminação, esse em que as palavras aparecem. Mas faço o poema e deixo-o em repouso, em silêncio. Julgo que esta experiência deve ser comum a muitos poetas ou a quase todos.

Indispensável algum distanciamento para se ver melhor?

É indiscutível que, passado algum tempo, há um outro olhar sobre os poemas, sobre o seu significado e a sua forma, há uma espécie de objetividade, sempre impossível no instante de eclosão das palavras.

Tem uma poesia integradora dos elementos da natureza: terra, ar, fogo e água, o que se prenderá, de certo modo, com a sua formação de técnico agrícola mas também com o homem que depois abraçou as Ciências Históricas e Filosóficas. Natureza e filosofia cruzam-se?

Cruzam-se. Circulam. E encontram-se. A terra (o barro), a água, o ar, o fogo e toda a lição pré-socrática de exaltação desses quatro elementos. E a dialética de Heraclito: *Este mundo, igual para todos, nenhum deus ou homem o fez, senão que foi, é e será fogo sempre vivo, que acende segundo medidas e se apaga segundo medidas.*

A origem do homem a partir da água já não é uma simples tese...

Admito tudo o que a boa ciência abra como certeza ou mera hipótese.

As paisagens, os lugares que atravessam os seus poemas (basta ler *Concisa Instrução aos Nautas*) são uma viagem?

Uma viagem – por lugares reais ou por lugares imaginados (como no livro *Meditação em Samos*). No entanto, como diria Pessoa: *a minha*

forma de viajar é sentir. Tenho o sentido da totalidade. O nosso ser é um todo. Descartes teve responsabilidades na ideia separatista do corpo e da alma. António Damásio (e outros autores, não necessariamente situados no plano científico) veio corrigir isso com o livro *O Erro de Descartes*.

Descartes fala de um deus-engenheiro. Darwin aponta-nos a seleção natural. Para que lado cai?

Para Darwin, para a seleção natural. Mas não tenho nada contra a engenharia.

Tão-pouco contra a engenharia genética?

Creio que todas as técnicas são úteis se o homem as controlar no sentido do positivo, do progresso, do bem comum.

Gosta mais de ver Deus à semelhança do homem e não os homens à semelhança de Deus?

Sou um pagão sem deuses. Creio que os deuses é que têm de humanizar-se.

O Eu estético relaciona-se na sua poesia com o Eu sagrado. É o sublime focado por Jean-Paul Resweber?

Absolutamente. O Eu estético, que me faz ocorrer o odioso Eu de que falava Pascal... Prefiro chamar-lhe facto estético; esse facto estético assume-se em mim, imediatamente, como um facto do sagrado. O que o artista mais preserva é o seu objeto estético, o seu poema, o seu quadro, a sua peça musical. É um ícone. Que ninguém o ameace ou perturbe!

Intocável?

Pode ser alterado, mas é o autor que o altera. Julga ele que para melhor, em sentido ascensional. No sentido quase platónico da

perfeição. Terrível presunção essa que o poeta por vezes tem, de em certos casos atingir a perfeição. Corresponde a momentos de prazer indescritível, de intensíssima alegria.

Também o erótico marca a sua obra desde os primeiros livros. Celebra o sagrado do corpo?

É o prémio a que o corpo tem direito. O prémio e o espetáculo; o corpo também tem direito ao seu prémio e ao seu espetáculo, a essa exaltação, a essa alegria, a essa fremência, a esse calor. O lado erótico é, de facto, desde os primeiros livros, uma das constantes da minha poesia; intensifica-se especialmente em *Obstinação do Corpo*.

O corpo tem fraquezas, fragilidades, finitudes...

Mas quando falamos de erotismo não estamos a falar de fraquezas ou males corporais. Muito pelo contrário, estamos a falar de algo que é avassaladoramente positivo, exaltante.

É na pele que o erótico se projeta com mais intensidade?

A nossa pele é altamente erótica. Um aperto de mão pode ter uma carga erótica.

E o olhar também...

Se tem!

Deve a escrita ser sensual?

A escrita não *deve* nada. A escrita é o que cada autor determina ou lhe aparece. No meu caso, sinto que a escrita está, em si própria, com frequência contaminada por essa sensualização.

Em prefácio à sua *Obra Poética*, Fernando J. B. Martinho refere a dado passo: «O impulso *para o alto* que a mulher representa, segundo a famosa formulação goetheana, encontra em *Obstinação do Corpo* uma das mais conseguidas

expressões no âmbito da lírica portuguesa da segunda metade do século passado». A autoestima do autor atinge o pico face a este reconhecimento?

Mentiria se não dissesse que tal género de afirmações, sobretudo vindas de quem vêm, me deixa reconfortado. É humano. Em certos períodos da vida todos nós temos hesitações e dúvidas. Constatações como essas não deixam de nos inculir ânimo, não deixam de devolver alguma confiança.

Mantém grandes diálogos com o corpo?

Com o corpo, com as vibrações da vida, com o desejo, com o prazer, com a sensualização que pode estar em quase tudo. Mas também tenho um pendor reflexivo. É o meu lado meditativo, mais dado à busca do ser, da palavra, da questão estética, dos vários níveis da formulação ética.

Referiu o livro *Meditação em Samos* ao falarmos de lugares como forma de viagem nos seus poemas. Não há nele ainda uma reflexão sobre o ser e a ética?

Sem dúvida. E muito associada ao lado apolíneo, diurno, da existência. Assim como revisitada pela iluminação da Grécia e pela óbvia presença dos pitagóricos, com os números, com a ordem. É uma reflexão que, reconheço-o, diz muito de mim próprio. E também julgo haver aí um salto, enquanto expressão formal. Os meus primeiros livros tinham, do ponto de vista expressivo, uma mais significativa influência do surrealismo. Neste, creio haver uma mais imediata comunicabilidade. Não é melhor nem pior, é diferente. E já que falou de ética, devo dizer que houve momentos em que a minha poesia se orientou para o protesto, para a indignação.

Não quer perder essa capacidade de se indignar?

Tudo se enquadra numa visão que sempre tive da totalidade do humano. Às vezes andamos apenas à roda do nosso Eu, aflitos com um problema pessoal por certo muito e sempre respeitável, e esquecemo-nos de que existem os outros. Há por igual o Outro e o mundo. Tenho uma grande consciência dessa oscilação entre o Eu e o Nós, o Eu e o contexto. Tenho essa quase obsessão de olhar, com a mesma atenção e autenticidade, para os diversos lados da nossa totalidade. A capacidade de indignação tem muito que ver com a lucidez e a consciência moral de cada um. Julgo ter essa consciência.

O volume que reúne mais de quarenta anos da sua expressão poética é revelador desse olhar o Outro. Não haverá quem dedique tanto poema...

Faço-o espontaneamente. Chego, porém, a pensar se não haverá nisso, sobretudo em alguns casos, um certo exagero, um excesso.

Arrepende-se disso?

Por vezes. Passado um certo tempo regresso no entanto ao primeiro impulso. A admiração ou a amizade, sinceras, que essas dedicatórias representam sobrepõem-se às dúvidas.

Pratica uma escrita de sinceridade, de conteúdo humanizante...

Mas sempre com esta contrapartida: procurar que não descaia para a expressão fácil, para um confessionalismo excessivo, primário.

Poderá ou não o confessionalismo ser gerador de grandes e belas metáforas?

Se transfigurado.

Algum dia se ajoelhou no tradicional confessionário?

Em pequeno. Depois passei-me a confessar na poesia. Respeito muito, contudo, e muito sinceramente, os sentimentos religiosos dos outros. Além do respeito, compreendo-os. As pessoas sofrem e têm necessidade de apoio. As pessoas temem e têm necessidade de segurança.

Nunca a poesia o fez cumprir uma penitência?

A poesia (toda a arte) pode funcionar como sublimação. Uma sublimação que se prende, todavia, com uma dualidade fundamental: a descoberta e a invenção. Descoberta do que está oculto, do que está ainda para lá do nevoeiro. Invenção do que se tornará uma realidade nova, uma nova construção.

Que falta inventar?

Muito, quase tudo. É infinito o número de coisas por inventar.

Existe na sua poética um Deus mais subentendido do que presente?

É verdade. Lembraria um livro de Steinbeck...

A Um Deus Desconhecido...

Sim, *A Um Deus Desconhecido*. Na poesia há como que um Deus desconhecido, retirando isto de qualquer contexto bíblico ou sobrenatural. Qualquer coisa que continua a ser desconhecida do próprio autor. A poesia será sempre tanto mais rica quanto mais possibilidades de leitura tiver. Tratando-se de uma escrita artística, se for demasiado linear perde força, perde energia.

Crê possível um humanismo novo?

É uma questão quase de fé. Eu que sou muitas vezes desencantado, sou por outro lado um ser de esperança, sobretudo a esperança de

que há momentos de ressurreição depois de uma morte. Acredito que, apesar de todos os condicionalismos, o ser humano acabará por descobrir o seu caminho renovado, de libertação. Uma nova utopia há de aparecer. Obrigatório que apareça. É a minha convicção profunda. A utopia tem sempre um lugar no meu espírito, ainda que amiúde uma utopia sem formulação precisa, sem moldura.

«Mesmo quando o coração / balança sobre o gelo / a esperança é uma palavra / que me lava». Por isso assim escreve...

Corresponde ao que penso. Apesar das horas mais soturnas, de melancolia. A alegria e a esperança são aves obrigatórias, mesmo num jardim povoado de tristeza.

Cultiva o sonho ao mesmo tempo individual e plural?

O sonho que também está na minha poesia. O individual e o coletivo corporizam esse sonho. Os males que por vezes aponto também são coletivos, por isso o sonho também é coletivo. Perante os desastres, as derrapagens, os erros e até os crimes que foram cometidos em nome da utopia, ainda tem de haver lugar para novos sonhos, porque as coisas não estão bem.

A busca da palavra poderá tornar-se, em algum caso, exterior ao ser-poeta?

Pode, em princípio. Acabará no entanto por integrar-se nesse ser, como que absorvida.

Não é propriamente uma tinta que vá comprar-se a uma droguaria...

Nem é uma tinta que se compra para dar um efeito qualquer. Mesmo que a palavra chegue a propósito de um dado exterior tem de passar pelo filtro da emoção, do sentimento, da ideação; tem de passar pelo

crivo da sensibilidade. Não estou a defender a imposição do *humano* a qualquer preço. Mas defendo um critério de autenticidade.

«A palavra é azul mesmo se fere». Azul, uma cor significativa na sua poesia mesmo se não expressa. Liga-se a alguma transcendência embora se diga pagão?

Não à transcendência. Tem que ver com o apelo à claridade, à esperança, a uma calma euforia.

Mas a verdade é que o homem comum associa mais o azul ao céu...

Ao espaço. E ao céu, sim. Quem sabe se no subconsciente haverá o apelo de uma transcendência, a gente nunca sabe.

Dizem os estudiosos das cores que o azul é repouso, serenidade. Sempre que o encontro está vestido de azul. A condizer com a interioridade?

Tanto uso o azul como outras cores. Agora, se me dissesse: *escolha aí a cor da serenidade...*, escolheria o azul. Olhar o céu em dia limpo é, para mim, um fator de serenidade. E olhar o mar quando está calmo.

Uma cor alternativa ao azul para si?

Vermelho. Ou encarnado. Houve tempos em que era proibido dizer-se vermelho.

É do Benfica?

Sou, desde há muito. Desde quando, em criança, me ofereceram um cinto com o emblema do clube e o meu pai me levou a ver um jogo no velho campo das Amoreiras.

Memórias da infância, muitas?

Sobretudo da escola agrícola onde acabei a instrução primária. Tinha oito anos quando ali entrei. Era para lá da Pontinha, uma grande quinta, um espaço aberto, sem muros; não fugíamos porque faltava o dinheiro para fugir e porque, diga-se a verdade, não nos sentíamos oprimidos. É curioso que me lembro cada vez mais desse tempo. Jogávamos à bola, as botas tinham de durar três meses, era a regra. Bom, ao fim de um mês eu já não tinha botas...

Praticou desporto?

Não competitivo, quando jovem. Atletismo, ginástica, futebol, natação. Ainda hoje gosto de assistir a bons espetáculos de desporto. Sou um louco pela Volta a França em Bicicleta, especialmente nas etapas da montanha. E não perco os Jogos Olímpicos ou os campeonatos mundiais e europeus de ginástica e de atletismo.

Uma outra forma de libertação?

Acho bonito. É elegante. Do desporto que pratiquei não me esqueço do espírito de camaradagem e de lealdade que fomentava.

Normalmente tem-se a ideia de que um intelectual não liga ao desporto...

Não penso assim. Tenho poemas publicados, outros inéditos, alusivos ao desporto. São a prova da minha adesão à prática e ao espetáculo desportivos.

Ganhou alguma medalha?

No desporto, não. Na escola agrícola acho que ganhei uma medalha na cadeira de desenho, com um desenho muito geométrico.

Lia muito em criança?

Nem por isso. Mais tarde é que sim.

Seletivo nas leituras?

Leio sobretudo ensaio e poesia. E alguma novelística. Mas sou muito anárquico e um tanto preguiçoso. Tenho sempre a difusa ideia, e a conseqüente prática, de que há a literatura, todavia também há a vida.

A preguiça faz parte da arte?

Em mim é horrível mas é verdade. Sou um desastre no responder a cartas, apetece-me às vezes nunca ter obrigações. Nunca aceito nada que seja para fazer depressa. Era muito difícil eu ser jornalista... Quando começo no entanto uma tarefa, levo-a até ao fim, sou persistente e ordenado; cumpro a função e gosto de a acabar dois ou três dias antes do prazo.

Em verso afirma: «Da música faremos uma arma». E da palavra também?

Mas não panfletária nem dogmática. Sempre repudiei os dogmatismos, os totalitarismos, a intolerância. Inclusive no domínio do estético. Sempre a favor de uma palavra liberta, tolerante. Nesse aspeto sou muito sergiano, o espírito crítico acima de tudo. Espírito aberto e desperto. Não quer dizer que nos tais momentos de prazer e de euforia, às vezes de êxtase, bom... aí perde-se esse sentido crítico, mas perde-se por uma boa causa...

Nomeadamente no amor?

No amor, especialmente.

Eros, elemento de que o poeta nunca prescinde?

Acho que tem na minha poesia uma dimensão tão importante como a de *Tanathos*. O amor e a morte.

É um poeta de muitas mortes ou fala da morte por ser um poeta de muitas vidas?

Tenho, até por razões pessoais e íntimas, uma grande consciência do fim de tudo, do efêmero, do nada essencial das coisas, vivas ou inertes. Sem ilusões. E tenho más notícias a tal respeito. Daí, por certo, o tal pessimismo que me é quase inerente. Felizmente que existe o outro lado, o da vida, que tem de ser prosseguido, renovado, partilhado.

Com êxtase?

Toda a vida em êxtase banalizaria o êxtase. O êxtase deve ser a flor excecional, o galardão de situações únicas.

E a poesia nunca se explica?

Impõe-se por si, em princípio... Ou descobrem-se linhas. Interpreta-se. Tenta-se decifrá-la. Pedir-lhe explicações é sempre exigir de mais e compreender de menos.

«A dadivosa mãe que em tudo existe». Leio num poema seu. A consciência da morte torna-se mais cruenta quando se perde uma mãe aos 14 dias de vida?

Nesse poema é mais num sentido metafórico associado à natureza. Pode ser, contudo, uma transferência dessa ausência, desse hiato terrível. Um outro poema, *Fragmentos para uma autobiografia*, incluído no livro *Enquanto a Noite, a Folhagem*, tem mais diretamente a ver com a consciência a que se reporta a sua pergunta. Desde sempre tive o doloroso sentimento dessa falta, dos problemas que levantou e levanta. São coisas em absoluto insanáveis.

Será a sua arte poética uma espécie de «inventário psicológico» de si e do mundo?

De mim não tenho dúvidas nenhuma. O volume da minha poesia reunida pode considerar-se uma radiografia de muitos estados de alma, de ideias, de emoções, de sentimentos, de olhares que me foram próprios. Estão aí os marcos de essenciais vivências e de tanta coisa que é adjacente a elas.

O seu ato criativo implica os lados solar e noturno...

Uma das principais dualidades da minha escrita, desde os primeiros poemas, é de facto essa: o claro e o escuro, os contrários. Só mais tarde se encontrarão momentos de confluência e mesmo de síntese. Bifurcam-se um lado noturno, recessivo, e um lado diurno, mais otimista. Se os pusesse nos dois pratos da balança, estou convencido de que o lado do ceticismo pesaria bastante mais.

Derrida diz que os múltiplos significados se podem encontrar nos contraditórios...

A presença do contraditório, a luta em nós de alguns opostos é sempre, ou pode ser, estimulante afirmação de complexidade, de riqueza interior.

Vive entre o *livre rumo* e a *ordem* de que fala num dos seus poemas?

É verdade. Pratico um livre rumo dentro do possível, porque todos temos limitações. Ou seja, às vezes quereríamos uma liberdade que não podemos ter. Sou, porém, apologista de uma ordem interior, de uma voluntária autodisciplina. A minha própria prática poética – como bem reparou Fernando Martinho no prefácio já referido – integra essa dualidade, entre outras. Ordem e livre rumo formam, em termos antinómicos, a harmonia possível de cada poema.

Que pode nascer do caos...

Que vem do grande caos, do informe, mas que tem de ser disciplinado, direcionado em relação ao que o poeta pretende. É a questão do rigor, da fuga à excrescência, à verbosidade.

Ao fim de algumas décadas a escrever ainda procura uma nova forma de dizer?

Procuro renovar-me. Há sempre um esforço de fugir à rotina, à repetição. Mas também há os acasos da descoberta súbita, do imprevisto. Tanto na ordem formal como nas motivações do texto. O trabalho de campo do poeta pode ir ao infinito. Cabe-lhe, além do mais, estar atento.

Todos os poetas acabam por ser filhos de muitos pais e de muitas mães?

O poeta, o artista não nasce do nada. Ninguém nasce do zero. Se foi influenciado por muitos ou por poucos, depende. O importante é que o resultado se não degrade ao nível da repetição, do disfarçado plágio... O importante é que o autor, feita a absorção desses inevitáveis *apports*, siga por caminhos próprios e se afirme em termos de plena autonomia criativa, de originalidade.

Recebeu muito, por exemplo, de João Cabral de Melo Neto, de Drummond?

Creio que recebi alguma coisa, sobretudo do primeiro. Para além de muitos outros autores, estrangeiros e portugueses. Para só falar destes últimos, citaria alguns que me tocaram mais: Camões, Antero, Cesário, Pessanha, Sá-Carneiro, Pessoa, Casais Monteiro, Gomes Ferreira, Carlos de Oliveira, Jorge de Sena, entre outros. Isto para não falar de alguns notáveis poetas portugueses felizmente ainda vivos.

O hábito de epígrafes nos seus livros é para dar algumas pistas ao leitor?

Não estão lá por exibicionismo erudito. São referências, marcos de uma caminhada, fragmentos de algumas leituras. As frases escolhidas podiam ser de outros autores. O importante, para mim, é o seu conteúdo, na medida em que esse conteúdo tem que ver, e muito, com o livro ou com o capítulo em que a coloco. Nesse sentido, podem funcionar como pistas de leitura.

Há um estado doloroso em muita da sua poesia. Poderei chamar-lhe desencanto?

Os estados de alma não se inventam. São porque são. Assim o quer o temperamento ou a biografia de cada um. No meu caso, embora às vezes com lampejos de otimismo, o desencanto predomina largamente. São múltiplas as razões disso.

Não terá sido por acaso que o seu primeiro trabalho ensaístico, na revista *Cassiopeia* (meados dos anos 50), abordou a questão da angústia...

Esse meu trabalho, intitulado *A Angústia e o Nosso Tempo*, além de corresponder a um estado de espírito concreto, relacionado com a conjuntura política mundial e o debate ideológico dessa época, tem que ver também com as correntes filosóficas então em voga. É sabido que da angústia não se conhece muitas vezes a causa. Não era esse o caso, já que na circunstância era tema de uma reflexão (reconheço, hoje, algo ingénua), que se interligava com uma situação histórica real, à escala da sociedade e do mundo.

Encontramos na sua obra poética algumas linhas que poderíamos ter como próximas de um simbolismo oitocentista que marcou sobremaneira a pintura com telas como as de Munch, nomeadamente os quadros *Angústia* e *Grito*. De

qualquer modo, no seu caso, a angústia terá mais a ver com o existencialismo?

É verdade que o existencialismo, tão vivo e influente na época, teve o alcance de trazer para o centro das preocupações filosóficas temáticas como essa. Todavia, não negando o impacto dessa atmosfera cultural, o tema tinha sobretudo que ver com o que eu sentia, com o que eu pensava, com o que então me preocupava.

Verifica-se um vazio de movimentos culturais como os de *Orpheu* ou da *Presença* que impulsionaram o pensamento e o debate. Enfrentamos um panorama cultural mais empobrecido?

Não sei se se verifica esse empobrecimento. Mas é um facto que decaíram ou se perderam alguns hábitos que tradicionalmente muito influenciaram a vida cultural, enquanto troca de ideias, enquanto debate. O facto prender-se-á, por exemplo, com a regressão do espírito de tertúlia, com a regressão daqueles núcleos que se formavam em torno de ideias estéticas. Pelo que adivinho, as pessoas andam agora mais divididas, mais dispersas. Por isso o notar-se uma certa ausência de correntes artísticas ou literárias com letreiro, com palavras de ordem, com bandeira, como aconteceu com tantos movimentos do nosso século XX.

Os presencistas não se fixaram demasiado no seu umbigo?

Embora sinta bastante mais entusiasmo pelo que foi o *Orpheu*, não tenho essa visão tão redutora em relação à *Presença*. Num tempo de enorme marasmo cultural, o movimento presencista teve grande mérito. Basta pensar na decisiva contribuição para a modernização do gosto e para a redescoberta dos escritores órficos e de outros modernistas.

Atualmente, estaremos mais sujeitos a uma "literatura padronizada"?

Há tendência para uma uniformização do gosto, para um gosto assético, quase cinzento. Essa onda vai-se infiltrando lentamente, vai sendo interiorizada. Ao que parece, as pessoas vão deixando a estética para segundo plano, vão-se tornando incapazes de clivagens. Não se dão ruturas... E ao dizer isto não estou a pensar em revivalismos, em saudosismos. Quase absurdamente, a falta de liberdade de expressão era uma das razões que ajudavam a fomentar o debate entre diversas correntes estéticas. Conquistou-se depois, e ainda bem, a liberdade...

E aí, quando se esperaria maior dinamismo, a liberdade de expressão deixou-nos tolhidos?

Porque essa liberdade foi surpreendida, diga-se assim, por um novo fator: o economicismo, a tecnocracia pura e dura. O fenómeno não é só nosso, vai pelo mundo. E é mau.

Uma "ditadura do gosto" prende-se mais com a crítica?

Sou a favor de uma intensa atividade crítica.

A crítica implica sempre um prévio "juízo estético"?

Em sentido estreito, tenho muitas dúvidas. Pode haver um juízo estético mas não no sentido escolar ou dogmático.

Não académico?

Não sectário. Quando se torna sectário será, sobretudo, um juízo de corrente, de grupo, de capelinha. O espírito crítico é aquele capaz de ter profundidade e largueza de visão. Diria mais, é o que quase consegue alhear-se do gosto próprio, é o que consegue valorar a qualidade mesmo em expressões estéticas a que pessoalmente não

adira. Em crítica literária ou artística sou contra todos os partidarismos.

Em Portugal (e não só), uma elevada percentagem dos críticos literários são igualmente autores, sobretudo na área da poesia. Seria desejável que um crítico literário não fosse autor?

É uma questão que para mim não tem importância nenhuma. Um poeta é poeta porque tem de ser poeta. É um impulso superior a ele. Acontece que também pode ser crítico...

Deparamos com exemplos desses em todos os tempos...

Exemplos de grandes críticos e de grandes ensaístas que foram poetas, logo a começar por Fernando Pessoa. Inúmeros: Antero, Régio, Casais Monteiro, Nemésio, Jorge de Sena, Mourão-Ferreira, Ramos Rosa, tantos outros. Nem o ensaio foi prejudicar a sua poesia nem o facto de serem poetas trouxe qualquer prejuízo à sua muita qualidade enquanto ensaístas.

Fez crítica literária...

Irregularmente, em jornais e revistas. Por vezes com alguma continuidade: no suplemento de *A Capital*, na *Colóquio-Letras*, no *Jornal de Letras*. Quase sempre crítica de poesia. Por isso sinto-me um pouco nessa pele, sei do que estou a falar.

João Gaspar Simões, que lhe dirigiu uma crítica favorável logo nos seus primeiros livros, *Circulação e Hipérbole na Cidade*, referiu-se-lhe como sendo um poeta com "mensagem"; depois deu-lhe uma bicada quando surgiu com *Corpo Terrestre*, criticando-o por estar a cair na "moda-top". Foi-lhe útil esse reparo?

Mesmo quando se discordava, toda a gente aguardava a sua crítica. Os livros eram publicados e Gaspar Simões saía logo com uma análise. Nem toda a gente gostava dele, pois claro. Foi acusado de subjetivismo, e com alguma razão, mas tinha uma grande intuição, era um grande trabalhador e um extraordinário amante da literatura; dedicou toda a sua vida às letras. Fixei sobretudo, e foi-me estimulante, o lado positivo e aderente com que encarou os meus primeiros livros, os que citou e ainda *A Habitação dos Dias*.

Depois de Gaspar Simões, a crítica literária portuguesa não voltou a encontrar rumo?

Ao invés, depois de Simões, a nossa crítica literária nunca deixou de seguir o seu rumo (os seus vários rumos), nunca deixou de estar presente. A começar em Jacinto Prado Coelho e Óscar Lopes, é notabilíssimo o escol de ensaístas com que a nossa literatura contou e continua a contar. Pena é que a presença dos atuais ensaístas não seja mais visível nos grandes meios de comunicação: nos jornais, na rádio, na televisão. O país e a cultura ganhariam muitíssimo com isso.

Haverá hoje público disponível para uma crítica aprofundada?

Não sei se há nem se houve alguma vez. A função dos jornais e das revistas (como da rádio e da televisão) não é, porém, andar à procura do frequente mau gosto do público; é a de tentar melhorar o nível cultural desse mesmo público. O atual conceito economicista da maioria dos meios de comunicação social redundava no pensar-se exclusivamente em lucro, esquecendo a função cultural que devem ter, para além da informativa.

Faltam outros estímulos?

Com raríssimas exceções, não há estímulo suficiente para o trabalho crítico. Os jornais deixaram, quase sempre, de ter espaço e verbas

para ser estimulada essa crítica, de modo a que os critérios de qualidade pudessem sobrepor-se, realmente, ao espírito da promoção publicitária.

Argumenta-se que as mentalidades e os apelos culturais são outros, que a cultura não vende...

Se vamos por aí, qualquer dia é só desastres, escândalos, catástrofes, futebol, e nada tenho contra o futebol, sou a favor do desporto, todavia, tudo o que é demais é demais. Não pode ser... Recordo-me, a propósito, de Maria Leonor Cunha Leão, que era diretora da editora Guimarães, que dizia mais ou menos isto: «A coleção de poesia na nossa casa não deixa lucro nem prejuízo e dá-me uma coisa que nenhuma outra coleção dá: o perfume e a cor de uma flor, a da poesia. É uma coleção que prestigia a minha casa». Não seria prestigiante que os jornais, todos eles, tivessem, num dia certo da semana, um suplemento cultural onde aparecesse a entrevista, o conto, poemas, artes plásticas, teatro, crítica?

Se um jornal não for rentável como poderá haver empresa?

Antigamente também vendiam, também ganhavam e quase todos os jornais tinham suplementos com excelentes páginas literárias. Se perdiam dinheiro não seria por causa disso.

«Por muros de silêncio nasce o dia / como um cristal de paz e de memória». Uma bela metáfora política?

Esse verso tem realmente que ver com um dado contexto histórico e político de bloqueio, repressivo. Perante muros impostos, bloqueadores da liberdade, a palavra poética pode funcionar como instrumento de dignidade e de resistência.

Qual o lugar dos poetas em novo século e novo milénio?

O de resistir à avassaladora globalização, ao lado pior desse fenómeno. A globalização tem coisas mais perigosas do que à primeira vista possam parecer. Por exemplo, a ameaça de um poder único, concentracionário. O poder de um Grande Irmão....

Poder único que pode anular a cultura?

Há uma manipulação da cultura, uma teia... Uma manipulação que muito decorre de certas estratégias globais, económicas, geopolíticas, militares. Ainda existem Estados repressivos. Em Portugal também o tivemos. Mas também existem formas democráticas em que às vezes apetece pôr aspas... Não as ponho, apesar de tudo. No caso da guerra no Iraque apeteceu-me pôr aspas à democracia americana, esse mesmo poder que fomentou ditaduras em vários pontos do mundo.

Novas ameaças?

Verificam-se casos em que as formas liberais de poder encobrem a manipulação dos povos e do mundo. A invasão de Timor pela Indonésia foi ajudada pelos americanos; o golpe do Chile que instalou Pinochet foi instigado pelos americanos. Uma data curiosa: o 11 de Setembro chileno de que pouca gente fala e que, no entanto, fez tantas mortes como o 11 de Setembro de Nova Iorque, que do mesmo modo lamento e repúdio.

Como anda a Europa, dividida ou submissa?

Dividida, infelizmente. Alguns estão submissos. Portugal é um deles. A Europa precisa de ter a sua própria força, os seus meios, a sua autonomia para fazer frente às tendências hegemónicas.

Funcionará a sociedade-espetáculo como uma anestesia para criar o amorfismo?

Os meios audiovisuais têm uma missão a cumprir, inclusive no divertimento e no espetáculo. Contudo, este não pode transformar-se em agressão à lucidez, em castração do ser. Há este perigo muito sub-reptício: o da manipulação dos *media* que, pouco a pouco, podem ir induzindo a uniformização do pensamento. Existem claros sinais. As pessoas têm cada vez mais medo de perder o emprego, medo do patrão, medo do chefe, medo de ficarem na miséria. Há uma certa ordem oculta, não explícita, que vai corroendo o que resta de espírito crítico.

Tem um forte sentido de autocrítica?

Muito grande. De autocrítica, de consciência moral. Por exemplo, tenho um grande e cerrado sentido de justiça e de injustiça.

Moral enquanto atitude conservadora?

Não. Digo moral enquanto ética da liberdade e da cidadania. Não se trata da pequena moral, da mesquinha convenção, do preconceito. Aí sou a antítese. Sou aberto, aceito os outros: a sua alegria, a sua diversidade. Para além do mais, tenho um pacto íntimo com a generosidade.

Os escritores demitiram-se de ser uma "consciência crítica"?

Não gosto de generalizar, mas paira um desinteresse por questões de ética em relação à sociedade, ao homem e ao seu lugar no mundo. Acredito todavia que o escritor continua a interpelar o mundo, a estabelecer diálogos, a tomar posição, a ser interventor.

A remar contra a indiferença?

Porque, em princípio, o escritor tem uma sensibilidade especial para a projeção dos outros, de si próprio, do mundo, das relações humanas, dos conflitos, das paisagens, está em posição de ser uma consciência crítica atenta, desperta. Mesmo que alguns estejam a ir

por um caminho de indiferença, acabarão por abrir os olhos. Até pela contingência da evolução das coisas e pelos pontapés que podem vir a sofrer devido à sua "distração".

De temperamento por vezes excessivamente discreto, essa é uma maneira de preservar a sua independência?

Nunca tive queda para o espalhafatoso nem para o exibicionismo, sinto repulsa. Mas talvez seja demasiado introvertido, ainda que nem sempre, como os meus amigos bem o sabem. O que sou, sou-o com naturalidade – sem problema, sem drama. Sobretudo sem qualquer calculismo.

Prefere deitar-se sobre a almofada e estar de bem consigo?

Adivinhou o meu pensamento. Ao deitar-me, sinto um repouso extraordinário; sinto que não entrei em coisas que me envergonhem, até porque seria o primeiro castigador de mim mesmo.

Não vive conflitos geracionais mesmo em termos literários?

Tenho simpatias e amigos nas mais diferentes gerações.

Distinguido com o Prémio da Crítica (2002). Sensibilizou-o esse reconhecimento?

Nunca me fiz a prémios. Mas foi simpático e agradável, embora saiba que um prémio é sempre efémero. Fica no currículo...

E no ego....

Claro. De certo modo, um prémio é aquela ovação que o artista recebe à boca de cena. No dia seguinte, no entanto, já ninguém se lembra.

Não fica um eco?

Um artista nunca esquecerá essa ovação. Apesar de ter a consciência do efémero, deu-me prazer e confortou-me. Estou grato à entidade que o promove e aos elementos do júri. E fico satisfeito ao partilhá-lo com Baptista-Bastos, um escritor que admiro. Damo-nos bem há muitos anos e tenho por ele a maior simpatia e estima (que sei mútua). Mesmo sendo tão diferentes os nossos temperamentos, identifico-me com ele em muitas coisas, no plano ético, na solidariedade.

«Não – não é possível qualquer sono / com versos que não rasguem bem por dentro / a raiva». O verso tem de fazer sangrar a carne?

Tem de ser um fator de iluminação. O sofrimento é muitas vezes redentor.

Poesia de síntese a sua?

Talvez... Mas se o for, espero que lá encontrem, bem visível, alguma coisa de meu... Na poesia estou por inteiro, pode ter a certeza disso. Embora saiba que não estou só e que, como disse o Régio, *há mais mundos*. Sinto essa poesia como habitação do meu ser, lugar onde me confesso, onde me observo, onde também penso e sinto. No caso desta entrevista, num outro plano de linguagem, também digo o que penso e o que sinto...

Espero que sim...

Não tenha dúvidas.

Como está o ensaísta?

Bem. O problema é a falta de tempo.

A preparação da antologia sobre Mário Saa a que meteu ombros não deve ser trabalho fácil...

É um poeta de muita qualidade que, enquanto autor de versos, nunca foi editado. Raramente acabava as coisas. Chega a ter esta frase: *acabar é estragar*.

Qual a sensação que se tem a trabalhar alguns espólios literários, como fez na Biblioteca Nacional, será a de que os mortos estão muito perto de nós?

Tem mais que ver com um grande sentido de responsabilidade, idoneidade e rigor. E de lealdade para com o autor, tanto mais que já não está cá para se defender. Temos de respeitar a sua memória com escrúpulo.

«Que me resta senão esperar / em aves sentadas no paraíso». Que paraíso é esse?

O lugar imaginário da felicidade, um arquétipo do nosso espírito utópico. Toda a gente pensa num paraíso para si próprio ou para a humanidade inteira.

Humanidade, paradoxo inocente?

Um vulto enorme que, depois de acumular milénios de sofrimento, continua a colher, na sua maior parte, os cardos da exploração, da carência, das guerras, da doença, da ignorância e da injustiça.

Quem poderá saber verdadeiramente de si, poeta que gosta de andar pelas ruas sem dar nas vistas?

Ninguém.